



## ***Os papéis do inglês e a busca pelas identidades pós-coloniais***

Melissa Cobra Torre\*

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão sobre a questão identitária no período pós-colonial, refletindo sobre a condição fronteiriça daqueles sujeitos que se encontram entre duas culturas, compartilhando de duas identidades. Para isso, este trabalho propõe uma análise do romance *Os papéis do inglês*, do angolano Ruy Duarte de Carvalho, pois acredita-se que esta obra literária seja um exemplo de romance pós-colonial, em que a questão identitária é colocada como elemento crucial na narrativa.

**Palavras-chave:** pós-colonialismo; identidade; hibridismo

**Abstract:** This article presents a discussion about the question of identity in the post-colonial period, by making a reflection about the boundary condition of those subjects that are between two cultures, sharing two identities. Thus, this paper proposes an analysis of the novel *Os papéis do inglês*, by the Angolan writer Ruy Duarte de Carvalho, since we believe that literary work is an example of post-colonial novel, in which the question of identity can be considered a crucial element in the narrative.

**Keywords:** postcolonialism; identity; hybridity

### **1 Introdução**

*Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho (2007), é um romance que se insere no contexto pós-colonial por retratar Angola após sua independência de Portugal, mostrando ao leitor os contrastes e contradições de um país jovem e já dividido pelas guerras de disputa pelo poder que se seguiram ao processo de descolonização e que perdurariam por mais de vinte anos, chegando ao fim com a morte de Jonas Savimbi, líder da UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), em 2002.

Assim, este artigo pretende demonstrar que, enquanto sujeito pós-colonial e habitante da fronteira entre Portugal e Angola, o narrador de *Os papéis do inglês* ocupa uma posição intermediária entre duas culturas: a europeia e a africana. Seu conflito reside, sobretudo, no fato de, apesar de nascido em Portugal, ter assumido a cultura angolana como a sua. Ao se atentar para esse narrador, percebe-se a grande semelhança entre este e o próprio autor do romance. De fato, Ruy Duarte de Carvalho nasce em Santarém, mas desde a infância adota Angola como pátria, se naturalizando angolano em 1983.

\* Graduada em Letras pela UFMG, possuindo habilitação em português, italiano e inglês. Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários (UFMG).

Nesse sentido, percebe-se uma sobreposição dos papéis do autor e do narrador neste romance. Além da questão que envolve a nacionalidade de ambos, outros indícios também comprovam tal afirmação, como, por exemplo, o fato de ambos serem antropólogos e professores da Universidade de Luanda, além de o narrador mencionar algumas vezes o romance *Vou lá visitar pastores*, de Ruy Duarte de Carvalho, como sendo de sua autoria. Dessa forma, é possível atribuir os conflitos do narrador, portador de uma identidade híbrida, ao próprio autor do romance, o qual se posiciona criticamente frente às contradições de seu país.

Nessa medida, Ruy Duarte de Carvalho é um escritor que fala ‘de dentro’ da cultura angolana, que é também a sua. Essa posição ocupada pelo autor faz com que seja possível a ele falar desta “África concreta de que tu, e todo o mundo, tão pouco realizam no exacto fim deste século XX fora de um imaginário nutrido e viciado por testemunhos e especulações que afinal se ocupam mais do passado europeu que do africano” (CARVALHO, 2007, p.12).

Assim, o fato de o autor ter passado grande parte de sua vida na África, assumindo para si a nacionalidade angolana, mostra-se de grande relevância ao se considerar sua escrita, a qual falará de dentro da própria cultura africana. Ao escrever sobre este continente não se deixa contaminar por uma imagem da África ‘inventada’ pelo Ocidente. Dessa forma, partindo de sua condição de antropólogo, busca criar uma articulação entre diferentes elementos naturais e culturais africanos, os quais encontram espaço e relevância em sua obra.

## **2 A condição pós-colonial: uma abordagem teórica**

A história recente testemunhou uma importante reconfiguração mundial provocada pelos movimentos de descolonização que começaram a ocorrer após o fim da Segunda Guerra Mundial. Nesse contexto, vários estudos a respeito do período que se seguiu às independências, conhecido como pós-colonialismo, surgiram nas últimas décadas, o que demonstra o interesse pelo tema por diversas disciplinas e teorias. Porém, uma visão crítica tem demonstrado que esse marco temporal que separa cronologicamente os períodos colonial e pós-colonial não possui validade na prática. Nesse sentido, muitos argumentam que a condição pós-colonial foi inaugurada com o início da ocupação colonial e não com o seu fim (cf. GANDHI, 1998, p.3). Essa constatação leva ao reconhecimento de que a condição colonial deixou marcas profundas nesses países que apenas conseguiram sua independência tardiamente, passando, desde então, a carregar o fardo das consequências causadas pelo colonialismo.

De acordo com Leela Gandhi (1998), os estudos pós-coloniais foram gerados da necessidade de se ter uma abordagem teórica sobre o tema. A partir dessa discussão, conclui que a teoria deve ser capaz de conceituar a complexa condição que se verifica após o fim da ocupação colonial. No entanto, não se deve pensar que o passado colonial se resume a um conjunto de políticas e práticas torpes que devem ser analisadas com o distanciamento proporcionado pelo presente, mas que esse também foi palco de intensa atividade discursiva e conceitual sobre as identidades políticas e culturais dos povos colonizados (cf. GANDHI, 1998, p.5). Assim, a volta ao passado colonial é válida para os estudos desenvolvidos sobre o presente, apesar de haver ainda a necessidade de se estabelecer o pós-colonialismo como um campo teórico independente.

Em relação à literatura, Ania Loomba (2005) argumenta que se tem visto uma maior integração entre estudos sobre colonialismo e crítica literária. Dessa forma, vários pesquisadores e teóricos que se ocupam da análise dos discursos coloniais e anti-coloniais estão estabelecendo uma relação entre estes e os estudos literários. Isso ocorre a partir do reconhecimento do importante papel desempenhado pela literatura na articulação desses discursos. Segundo Loomba (2005), a língua e os signos são locais de interseção e conflito de diferentes ideologias. Sendo a literatura um espaço privilegiado da linguagem, esta é apontada pela autora como lugar onde várias formas de ideologia interagem.

Além disso, a autora ainda indica que a literatura não é simplesmente reprodutora dos discursos da ideologia dominante, se caracterizando como espaço de tradução das tensões e complexidades das culturas coloniais. Nesse sentido, os textos literários ocupam um lugar importante na crítica das ideologias coloniais, se apropriando desses discursos para, em seguida, desafiá-los.

O período que se segue à descolonização é caracterizado pela ambivalência cultural, sendo marcado por fases de transição e tradução. Dessa forma, segundo Leela Gandhi (1998), a condição pós-colonial é impelida a negociar não só as contradições que surgem de seu passado, fazendo com que seja uma derivação cultural e cronológica do colonialismo, mas também a problematizar a concepção segundo a qual teria a obrigação cultural de se mostrar inventiva e inaugural.

Nesse contexto, Albert Memmi (cf. MEMMI *apud* GANDHI, 1998, p.6-7) apresenta uma visão pessimista dos fatos. De acordo com o intelectual tunisiano, o período pós-colonial é marcado pela crença de que um novo mundo será reconstruído das ruínas do colonialismo. Seu pensamento se apoia no fato de que o período pós-colonial se caracteriza pela ilusão de liberdade, a qual nega a real condição histórica de dependência e subordinação. Dessa forma,

a máscara da independência encobre os problemas políticos, econômicos e culturais causados pela colonização.

Assim, a crítica pós-colonial emerge no contexto de embate de forças desiguais pela autoridade política e social. De acordo com Homi Bhabha (2010), os discursos pós-coloniais surgem do “testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo” (BHABHA, 2010, p.239) que garante voz às ‘minorias’ antes silenciadas. Dessa forma, as perspectivas pós-coloniais

intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma “normalidade” hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das “racionalizações” da modernidade. (BHABHA, 2010, p.239)

Homi Bhabha (2010) destaca ainda que a cultura gerada nesse contexto é tanto transnacional quanto tradutória. É transnacional devido ao fato de ser o deslocamento cultural marca essencial dos discursos pós-coloniais, como o que acontece, por exemplo, em relação aos movimentos de migração e trânsito de refugiados. Além disso, a cultura é também tradutória, pois, devido a esses deslocamentos, o significado de cultura torna-se ainda mais complexo, sendo traduzido.

Dessa forma, as culturas pós-coloniais se valem de seu hibridismo, de sua condição de fronteira, para ‘traduzir’ o imaginário cultural não só da metrópole, mas da sociedade como um todo. O fato de se encontrar em uma região limítrofe, em um espaço intermediário, é o que torna possível a esse discurso intervir no presente para reinscrever a cultura contemporânea. Esse movimento exige, portanto, o contato com o ‘novo’, para que, assim, seja possível renovar o passado, inserindo-o no que Bhabha (2010, p.27) denomina de ‘entre-lugar’.

Sendo assim, é nesse espaço ambíguo que formas modernas de cultura são criadas, gerando novos signos de identidade. Partindo-se desse ‘entre-lugar’, espaço da tradução e da negociação, segundo Homi Bhabha (2010), parece ser mais adequado conceituar a cultura não a partir do multiculturalismo – de caráter exótico – ou da diversidade, mas do hibridismo cultural.

No entanto, Homi Bhabha (2010) atenta para o fato de que é preciso repensar a identidade da cultura. Nesse sentido, se faz necessário assumir uma postura crítica em relação à tendência em se pensar de forma positiva nos valores estéticos e políticos atribuídos à unidade e totalidade das culturas, sobretudo em se tratando daqueles povos que foram duramente subjugados durante o período colonial. Isso ocorre porque “nenhuma cultura é

jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro” (BHABHA, 2010, p.65).

Segundo Stuart Hall (2002), as culturas nacionais tendem a anular a diferença existente entre seus membros para unificá-los em uma mesma identidade cultural, criando, assim, o sentimento de pertencimento à nação. No entanto, o autor enfatiza que essa imagem unificada da cultura é uma ilusão. Para entender sua postura, basta lembrar que a maioria das nações surgiu após violentas lutas que acabaram por subjugar diferentes povos, abafando suas vozes ao reuni-los sob uma imagem totalizante e unificadora de nação. Além disso, durante o período colonial, as nações ocidentais imperialistas exerceram grande influência cultural sobre os povos colonizados, buscando afirmar uma suposta ‘superioridade’ cultural em relação àqueles. Assim, partindo de tais considerações, o autor sugere que

em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 2002, p.61-62)

Tomando por base esse argumento, é possível afirmar que todas as nações modernas são, nas palavras de Hall (2002, p.62), ‘híbridos culturais’.

No mundo pós-colonial estão surgindo identidades culturais que são a mescla de várias tradições, produto de cruzamentos culturais devido à dispersão das pessoas de seu local de origem. Nesse contexto, não querendo abandonar completamente suas tradições e sofrendo o risco de serem definitivamente assimiladas pelo novo, tais sujeitos precisam aprender a negociar e a traduzir as culturas, pois passam a habitar um espaço ambíguo entre elas. O fenômeno das migrações pós-coloniais tem gerado esses hibridismos, os quais jamais serão unificadores ou totalizantes, já que são o produto da interconexão de várias culturas, criando esse espaço aberto à tradução.

Porém, é possível identificar também um fenômeno oposto ao discutido anteriormente, caracterizado pela total resistência, por parte dos indivíduos, a sua assimilação por outras culturas. Esse fato tem origem em uma crescente reafirmação das ‘raízes’ culturais e no renascimento das etnias. Nesse sentido, o que se vê é a emergência de antigos valores em oposição às novas formas culturais, surgidas do intercâmbio estabelecido entre povos diversos após os movimentos migratórios característicos do período pós-colonial.

Kathryn Woodward (2000) atenta para a complexa relação entre passado e presente no interior desse embate cultural. Segundo a autora, “a contestação no presente busca justificação

para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais, evocando origens, mitologias e fronteiras do passado” (WOODWARD, 2000, p.23).

Dessa forma, verifica-se a tentativa de se produzir culturas unificadas e homogêneas, o que leva à busca de uma identidade nacional pura, cuja origem estaria em um passado remoto. Entretanto, tal postura vem sendo contestada por aqueles que, cada vez mais, tomam consciência da impossibilidade de se alcançar qualquer forma de ‘pureza’ original, afirmando o caráter híbrido segundo o qual são constituídas as identidades culturais.

### **3 Um encontro com Angola: a procura por identidades híbridas**

O romance *Os papéis do inglês*, de Ruy Duarte de Carvalho (2007), trata de uma busca. Ao longo do livro, o narrador relata sua trajetória à procura de alguns papéis que poderiam trazer novos dados sobre a história do Inglês, Archibald Perkins, que cometeu suicídio no interior de Angola. Essa história foi contada pelo oficial português Henrique Galvão, em seu livro *Crônicas d’Angola*, publicado em 1929. Porém, alguns pontos da narrativa permaneciam sem explicação, como, por exemplo, o que levou o antropólogo inglês a se tornar um caçador de elefantes na África e o motivo pelo qual matou o Grego, seu companheiro. Encontrar as respostas para questões como essas foi o que impulsionou o narrador de *Os papéis do Inglês* a percorrer Angola em busca das anotações de Archibald Perkins.

Porém, a busca pelos papéis se revela uma tarefa árdua, sendo que o narrador deve percorrer Angola à sua procura, além de negociar por diversas vezes com vários habitantes do local na tentativa de obtê-los. No entanto, o encontro com aquilo que se procura é sempre adiado em meio a decepções e frustrações. Assim, por inúmeras vezes, quando o narrador do romance e também o leitor acreditam que finalmente os papéis serão encontrados, a expectativa é quebrada, pois é revelado que esses já haviam sido vendidos a alguém ou, ainda, estavam em posse do herdeiro de quem os havia comprado. Essa situação se repete diversas vezes em um círculo que parece ser interminável, o qual é quebrado apenas ao fim da narrativa quando o antropólogo, finalmente, toma posse dos documentos.

A incessante busca pela resposta a algo que se procura, cujo encontro é sempre adiado, pode ser considerada como a substância constitutiva do romance tratado neste artigo. No entanto, para que a busca seja possível, é necessário o deslocamento do sujeito, o qual percorre Angola até seus locais mais longínquos e inacessíveis. Esse movimento é fundamental para que o narrador possa refletir sobre si e seu lugar no mundo, se colocando à

procura de sua identidade, uma identidade híbrida de um sujeito que vive na fronteira entre Portugal e Angola.

Dessa forma, dividido entre identidades diversas, o narrador atravessa períodos de conflito em que se posiciona criticamente em relação à sua posição enquanto intelectual na Angola pós-colonial. Em um desses momentos de reflexão, chega a demonstrar certa desilusão em relação à ciência, o que o leva a questionar a relevância de seu trabalho enquanto pesquisador e antropólogo.

(...) mais do que tentar explicar o mundo e extrair daí resultados e rendimentos pessoais, cívicos ou políticos, andava era a procurar entendê-lo, não tinha quaisquer ilusões sobre o aproveitamento que pudesse vir a decorrer do meu trabalho em benefício das populações que me ocupavam. (...) E ainda: que em relação a todas as ciências eu andava também era a experimentar uma imensa fadiga. Mesmo tendo em conta um qualquer mundo acadêmico onde viesse a poder inscrever-se, de alguma forma, o tipo de conhecimento em que andava ali a chafurdar, teses já as tinha feito todas, por um lado, e no meio acadêmico que era afinal o meu, o de Angola, não havia, institucionalmente até, espaço para o meu trabalho. (CARVALHO, 2007, p.155)

O que o narrador procura é compreender esses povos, essa Angola ancestral que busca manter suas tradições mesmo após o trauma do período colonial e em meio a guerras civis de disputa pelo poder pós-independência. Nesse sentido, a Angola pela qual circula o narrador é um país jovem, dividido e em conflito, também em busca de sua identidade. Segundo Kathryn Woodward (2000), uma das tendências do contexto pós-colonial é a reafirmação de tradições locais como forma de resistência à sua assimilação por novas culturas que venham a se insinuar. Assim, o que se percebe, ao longo de *Os papéis do inglês* é a afirmação das culturas tribais mesmo em meio ao inevitável eco da influência portuguesa que se faz sentir. Desta forma, o narrador insere em seu texto vários aspectos culturais angolanos, fazendo com que o leitor viaje pelo interior daquele país, conhecendo melhor seus costumes e tradições.

Porém, a Angola inserida no contexto pós-colonial é também marcada por conflitos, realidade na qual o narrador de Ruy Duarte de Carvalho (2007) se vê imerso. Mostrando-se sensível às contradições vivenciadas por seu país, o narrador demonstra a atualidade de seu trabalho ao afirmar: “os meus temas mais pragmáticos continuavam e certamente continuariam a ser os das eternas questões da mudança e, dentro delas, a actualíssima pertinência da configuração e do papel do Estado em situações tão aberrantes como a que o meu país vivia” (CARVALHO, 2007, p.155-156).

A chegada de seu primo Kaluter traz de volta à tona o passado recente vivido por Angola, que se mergulhou em guerras de disputa pelo poder, as quais ocasionaram a partida de grande número de pessoas do país, dentre elas o próprio primo do narrador. Kaluter “fazia

parte daquela avalanche dos que, tendo deixado Angola com a independência, (...) vinham agora depois das eleições, e mesmo com a guerra de novo a ferver, avaliar como é que as coisas estavam a correr cá pela terra” (CARVALHO, 2007, p.103). Esse fato está relacionado ao fenômeno das migrações, muito comuns no contexto pós-colonial.

Ao refletir sobre a atual situação de Angola, o narrador conclui que todos aqueles que estavam envolvidos com a luta pela independência, tanto os que partiram em fuga (como seu primo Kaluter) quanto os que ficaram (como o próprio narrador), falharam em seu projeto. Era preciso a independência “para poder a partir daí encarar qualquer projecto decente até do ponto de vista de uma qualquer reabilitação de dignidade pessoal” (CARVALHO, 2007, p.106). No entanto, o que ocorre após o fim do colonialismo é a divisão do país e a acentuação das contradições vividas em Angola.

O país agora está partido, a situação geral é um perfeito escândalo, a determinação que nos mobilizava, e justificava, não resultou de maneira nenhuma, pelo menos no imediato e ao alcance das nossas hipóteses de vida, as “diferenças” não se verificaram no sentido que perseguíamos (...). Aquilo que gostaríamos de nos ver creditado, a atestar a “diferença” que já seria então a nossa, não existe de facto e não nos justifica ou confirma, portanto. (CARVALHO, 2007, p. 106)

Em meio a essas reflexões, o narrador se consome em um conflito de identidade, por ser branco e não angolano de nascimento, o que o coloca em uma posição ao mesmo tempo dentro e fora, na fronteira, por assim dizer, entre duas culturas e duas identidades. Assim, seu desejo em assumir sua ‘angolanidade’ o faz pronunciar que: “sem nunca ter pedido desculpa a ninguém por ser branco, eu viro muito preto por dentro” (CARVALHO, 2007, p.106-107).

Esse conflito interior do narrador, o qual se relaciona ainda com seu posicionamento frente à crise por que passa Angola, é expresso em suas palavras:

(...) eu nem sequer cá tinha nascido e a minha “angolanidade” estava assim sujeita a ser posta também em causa até pelos que, nascidos cá, de facto, tinham andado vinte anos por fora a cuspir-nos em cima, e em cima de Angola, para vir agora atirar-nos à cara a responsabilidade do desastre, enquanto diante dos dirigentes só faltava rastejarem para depois, viradas as costas, se rirem entre si à sucapa como vi por mais de uma vez na Namíbia. (CARVALHO, 2007, p.106)

O narrador de *Os papéis do inglês* é um sujeito que habita o espaço do ‘entre-lugar’, segundo a concepção de Homi Bhabha (2010), esse local ambíguo e fronteiro do qual se faz possível ‘traduzir’, ao mesmo tempo, a cultura não só da metrópole, mas também da colônia, já que o narrador de Ruy Duarte de Carvalho (2007) se encontra no espaço intermediário entre as duas culturas. Nesse sentido, o hibridismo cultural decorrente do contexto pós-colonial em que se insere o antropólogo angolano, no romance, proporciona o surgimento de novos signos

de identidade. Assim, “é a partir desse lugar híbrido do valor cultural – o transnacional como o tradutório – que o intelectual pós-colonial tenta elaborar um projeto histórico e literário” (BHABHA, 2010, p.242).

Em *Os papéis do inglês*, o narrador se dispõe a seguir até os lugares mais remotos da África à procura de respostas para as suas indagações, movido não só por seu espírito investigativo enquanto antropólogo e pesquisador, mas também pela busca de um passado, o qual pretende reconstituir a partir dos papéis de Archibald Perkins. Tais documentos se revelam como sendo os papéis do pai do narrador, o qual os tinha comprado anos atrás. Nesse sentido, a busca pelo diário de campo do antropólogo inglês passa a ser também a busca do narrador pela memória do próprio pai e de seu passado.

Além disso, em *Os papéis do inglês*, ao tentar reconstruir a história de Archibald Perkins a partir de uma crônica de Henrique Galvão, o narrador acaba por contar sua própria história da busca pelos papéis. Assim, a narrativa se desdobra em duas partes que são o reflexo uma da outra: a história de Archibald Perkins, o antropólogo inglês, e a trajetória do narrador do romance, o antropólogo angolano.

Dessa forma, os dois antropólogos são o espelho um do outro, apesar da diferença de que o narrador não se perde no fim de sua história como acontece a Archibald. Esse aspecto pode ser constatado durante todo o romance, o que é especialmente sugerido pelo fato de o diário do narrador aparecer intercalado à história propriamente dita. Nesse sentido, é possível dizer que esse diário corresponde aos papéis do antropólogo angolano, estabelecendo-se um paralelo com os papéis de Archibald Perkins. Essas anotações de campo do narrador são, portanto, os documentos que podem auxiliar na reconstrução de sua própria história.

Nesse sentido, o romance de Ruy Duarte de Carvalho (2007) pode ser concebido como uma tentativa do narrador em reconstituir parte do passado colonial de Angola para que, assim, seja possível ao antropólogo angolano encontrar algo de si nesse mesmo passado ao entrar em contato com os papéis do inglês que são para ele também os papéis de seu pai. Assim, continuará a se deslocar pelo interior do país africano movido por sua busca, mas estabelecendo, ao mesmo tempo, um espaço de trânsito entre as culturas, devido mesmo ao caráter híbrido de sua identidade.

#### **4 Em busca de tesouros culturais no interior de Angola**

A África colonial era vista como um território sem leis, para onde aventureiros se dirigiam em busca de riquezas e tesouros. A exploração de diamantes e marfim estava entre as atividades mais lucrativas a serem desempenhadas nas colônias africanas. Tais práticas eram

reproduzidas e alimentadas pela literatura do período, sobretudo pelo romance de aventuras do século XIX. No entanto, *Os papéis do inglês*, enquanto romance pós-colonial, confere um tratamento diverso ao tema.

O romance de Ruy Duarte de Carvalho (2007) trata dos esforços empreendidos pelo narrador em reconstituir a história de Archibald Perkins, antropólogo inglês que, desiludido pessoal e profissionalmente, decide viver em Angola e se tornar caçador de elefantes no interior mais remoto do país. Essa história foi extraída pelo narrador de um livro de crônicas de Henrique Galvão que data de 1929. Segundo o cronista português, Perkins teria se matado em um ato de loucura após assassinar o Grego, seu companheiro de caçadas. É seu ímpeto em descobrir as razões que impulsionaram o Inglês a tomar essa atitude o que leva o narrador a percorrer Angola em busca do diário de campo de Archibald Perkins.

No entanto, o próprio narrador de *Os papéis do inglês* adverte o leitor de que algumas passagens da história do Inglês são de sua invenção e outras são deduções que fez após ter acesso aos seus papéis. Dessa forma, o narrador do romance insere fatos e elementos à narrativa para preencher as lacunas deixadas por Henrique Galvão em sua versão da história. Esse fato fica evidente quando o antropólogo angolano faz a seguinte afirmação:

Por essa altura, eu já tinha inventado o tal enredo praticamente completo para a minha estória de suicídio e crime, que ia elaborando a partir dos elementos que Galvão tinha introduzido na sua crônica sobre o estranho caso do Inglês “que não suportava mulheres brancas”. (...) Cenas, situações, encadeamentos e desenlaces, que vinham sobretudo preencher os vazios das versões de que dispunha, passaram então a ocorrer-me com grande frequência e nitidez. (CARVALHO, 2007, p.45-46)

Dessa forma, a versão da história inventada pelo narrador, equivale a um autêntico romance de aventuras, em que um casal de americanos e um conde belga entram em contato com o antropólogo inglês no interior de Angola porque este seria a única pessoa capaz de levá-los a um lendário tesouro que estaria escondido nos confins do país africano. Porém, Archibald Perkins não se enquadra totalmente no perfil do colonizador da época. É verdade que já há algum tempo se dedicava à caça de elefantes no interior de Angola, o que lhe confere características do explorador colonial.

Porém, sua postura em relação à busca por aquele tesouro escondido revela um outro lado de seu caráter. De fato, quando sai à procura do ouro e marfim e descobre sua localização no interior de uma densa floresta, percebe que o tesouro estava ocultado por uma grande pirâmide, construção muito antiga, a qual não pôde atribuir aos atuais habitantes do local. No entanto, talvez movido por seu espírito de antropólogo, surpreendentemente não toca em nada, preferindo deixar a construção intacta. Porém, a ambição do casal de americanos e do

conde belga os levaria, com a ajuda do Grego (companheiro de caçadas de Perkins) a destruir o local e se apossar do tesouro. Essa é a explicação que o narrador de *Os papéis do inglês* tece para justificar a fúria do antropólogo inglês que foi levado a se matar após assassinar o Grego.

Essa postura de respeito e compreensão pelo outro verificada, em certa medida, em Archibald Perkins, o distancia da figura do colonizador de seu tempo. Além disso, algumas de suas atitudes proporcionam o câmbio e até a mescla das culturas europeia e local. Um episódio emblemático em que isso ocorre é o concerto de música promovido pelo Inglês em seu acampamento. Para a surpresa do conde belga e do casal de americanos, Perkins instala uma estante de música no centro do terreiro ao lado da mata de acácias e começa a tocar seu violino. O instrumento musical se mostra completamente deslocado de contexto, assim como o Inglês, revelando a estranheza da cena.

No entanto, o aspecto mais significativo da passagem está no fato de o Ganguela, seu ajudante, se juntar ao patrão para acompanhá-lo ora com uma *tyihumba* ora com um *kissange*. Essa mescla de sons produzidos pelos instrumentos africanos junto ao violino traduz o hibridismo cultural que toma forma na Angola colonial representada no romance de Ruy Duarte de Carvalho (2007). Além disso, demonstra as contradições da colonização, apesar de apontar para a possibilidade de se articular as diferenças e criar algo novo a partir do encontro das diferentes culturas.

Nesse sentido, considerando-se o posicionamento de Ania Loomba (2005), segundo o qual a literatura ocuparia um importante espaço de tradução das tensões e complexidades das culturas coloniais, pode-se perceber que o romance de Ruy Duarte de Carvalho (2007) cumpre esse papel, pois incita a discussão a respeito das ideologias coloniais, ao se posicionar criticamente em relação a esses discursos.

Também o narrador de *Os papéis do inglês* se encontra nesse espaço fronteiro por ser um português que assume para si a identidade angolana. Enquanto antropólogo, sua posição é de respeito e compreensão pelo outro, sendo movido por sua curiosidade em desvendar os mistérios que as culturas tradicionais angolanas colocam a ele como pesquisador. Dessa forma, o verdadeiro tesouro que o narrador de Ruy Duarte de Carvalho (2007) procura é o conhecimento desses povos e culturas. Este não se mostra interessado em diamantes e marfim, ou ainda em procurar se enriquecer com o comércio, como muitos fazem naquelas regiões, mas sim entrar em contato com o outro e sua cultura, a qual é também parte de sua identidade enquanto habitante da ‘fronteira’. Nesse sentido, se insere no perfil do

sujeito pós-colonial, o qual transita por esse espaço de tradução e negociação, segundo Homi Bhabha (2010).

Devido a seu posicionamento, o narrador de *Os papéis do inglês* é incompreendido pelos habitantes locais e, inclusive, por seu primo Kaluter, para quem era inconcebível que ele continuasse a viver “à custa de bolsas, de subsídios, de apoios, de ‘esmolas’” (CARVALHO, 2007, p.107), ao invés de tentar enriquecer. O próprio narrador explica o motivo da suspeição e incompreensão de seu trabalho pelos demais, ao mesmo tempo em que traça um quadro da Angola atual:

Numa sociedade, e num país, onde quem não se vê prioritária e completamente mobilizado pelas dinâmicas mais elementares da sobrevivência física cada vez mais se converte às das rentabilidades imediatas, do clientelismo parasitário e do saque, ver-me ali a enfrentar o mato, misterioso, perigoso e incômodo, a pretexto de um interesse esotérico por populações “tribais” e excêntricas mas ao mesmo tempo a revelar, antes a denunciar, um bizarro desdém pelos folclores que os serviços oficiais do ministério da cultura extraem das suas periferias, não podia deixar de estimular suspeições. (CARVALHO, 2007, p.37-38)

O que o narrador pretende é denunciar um tipo de cultura ‘artificial’, forjada pelo poder, a qual reflete a imagem estereotipada com que o branco vê o outro. Deixa claro, também, que seu interesse em explorar o território angolano não tem nenhuma relação com o enriquecimento fácil e imediato. De fato, os tesouros procurados pelo narrador são bem outros. Enquanto antropólogo e pesquisador, ele se lança em uma busca insaciável aos papéis do Inglês, na tentativa de reescrever uma história perdida no passado.

No entanto, ao fim da narrativa, o mistério relativo à morte de Archibald Perkins não é revelado, mesmo após o narrador ter acesso aos tão procurados documentos. Assim, percebe a inutilidade de seus esforços em busca das respostas que procurava, pois não consegue obter maiores informações que explicassem o suicídio do antropólogo inglês. Ao fim, depois de examinar o que restou dos pertences de Perkins, conclui que seu achado não tinha o menor valor. Na realidade, a narrativa de Ruy Duarte de Carvalho (2007) se estrutura em torno da procura de algo que não pode ser encontrado ou desvendado. Nesse sentido, buscar se revela mais importante que encontrar, sendo a procura motivada pela ânsia do pesquisador/antropólogo em desvendar um mistério esquecido no passado.

Por outro lado, ao se apropriar dos tão procurados papéis, o narrador toma conhecimento de um tesouro enterrado pelo avô de seu assistente Paulino, o qual trabalhara para o Inglês. A partir disso, conclui que seu pai (o qual esteve em posse dos papéis) e o avô de Paulino poderiam ter se apossado do tesouro anos atrás. Ao constatar esse fato, o narrador se resigna perante a impossibilidade de encontrar tal tesouro que podia ter sido seu.

Nada é aí revelado dos acontecimentos recentes, nem da morte do Grego, nem das idas ao posto, nem de tesouros, nem de passados, nada. (...) Tudo então o que eu poderia ter querido saber dos papéis do Inglês, e dos do meu pai, acabava por cingir-se àquela singeleza de ajustes, e se encerrava assim, ali? (CARVALHO, 2007, p.175-176)

Esse episódio contrapõe o romance de Ruy Duarte de Carvalho (2007) à ideologia reinante nos romances do período colonial em que os heróis acabam enriquecidos e reconhecidos. Dessa forma, em *Os papéis do inglês*, pode-se dizer que o único possível tesouro do qual o narrador se apropria são os papéis do branco da Namíbia, conseguidos pela sobrinha de seu primo Kaluter. Apesar do conteúdo desses papéis não ser revelado ao leitor, esses permanecem como uma promessa para o futuro, anunciando o início de um novo ciclo de buscas e potenciais descobertas.

## 5 Considerações finais

Em *Os papéis do inglês*, o que se constata é a procura insaciável do antropólogo/pesquisador por alguns papéis perdidos no passado, os quais ajudariam a reconstruir a história misteriosa do antropólogo inglês Archibald Perkins, que se suicidou no interior de Angola após matar seu companheiro, o Grego, por motivos desconhecidos. Porém, é revelado que esses papéis também pertenceram ao pai do narrador, sendo que sua busca passa a ter também um caráter pessoal, de encontro do próprio passado.

Nesse sentido, ao se deslocar pelos locais mais longínquos de Angola, o narrador não está a procura de riquezas, como acontece nos romances de aventuras típicos do período colonial, sendo movido por sua curiosidade e determinação em busca do conhecimento, seja de novas culturas e tradições, seja de indícios que possam ajudá-lo a compreender um acontecimento ocorrido anos atrás no interior angolano.

Em relação às identidades pós-coloniais, pode-se dizer que o narrador de Ruy Duarte de Carvalho (2007) é um sujeito que habita uma região fronteiriça entre duas culturas, espaço privilegiado para a tradução e a negociação culturais. Este é um sujeito que vive o conflito do mundo pós-colonial, em que identidades híbridas são constituídas. Insere-se, assim, no espaço do 'entre-lugar', segundo a concepção de Homi Bhabha (2010). Dessa forma, devido mesmo a esse conflito que se passa em seu interior, o narrador se põe questionamentos, ao longo do romance, sobre seu lugar enquanto pesquisador e sobre a relevância de seu trabalho naquele contexto.

Finalmente, o narrador denuncia o estado alarmante em que se encontra o país, dividido pelas guerras pós-independência. Nesse sentido, Angola se apresenta como um país ainda em

busca de sua(s) identidade(s), assim como o narrador de *Os papéis do inglês*, o qual vive o conflito causado por sua condição de branco e não angolano, mas que assume para si sua ‘angolanidade’, se colocando entre duas culturas, duas identidades.

### Referências

- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eliana Lourenço de Lima Reis; Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GANDHI, Leela. *Postcolonial theory: a critical introduction*. Edinoburgh: Edinoburgh University, 1998.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LOOMBA, Ania. *Colonialism/postcolonialism*. 2nd ed. London; New York: Routledge, 2005.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.7-72.